

## HISTÓRIAS AO REDOR DA SEPULTURA: UM ATO DE MEMÓRIA NAS NARRATIVAS SOBRE A VIDA E MORTE DA CIGANA ADÉLIA KOSTICHI

Barbara Thompson - UFES

### Resumo:

O objeto de estudo remete à construções imagéticas sobre quem foi, e ainda é, uma falecida, e um dos eixos norteadores é a existência de sua sepultura, que sustenta e é sustentado por essas tais imagens. Consta na lápide que ela foi cigana. Assim, inicia-se um caminhar por uma estrada de possibilidades para vislumbrar as faces dessa instigante mulher. Tem-se como partida uma das narrativas centrais sobre a imagem e atuação desta falecida Cigana no presente. O nome dela é Adélia Gomes Kostichi, faleceu em 1955, seu túmulo localiza-se no cemitério de Santo Antônio em Vitória- ES. É conhecida por realizar graças, e quem a procura com fé terá seu pedido atendido. Em seu túmulo seus devotos ofertam: velas, rosas vermelhas, cigarros, champanhe, bijuterias, entre outros. No pensamento daqueles que rodeiam a sepultura surgem indagações sobre o passado: quem foi esta Cigana? Como morreu? Como viveu? Assim, o objetivo é analisar a elaboração da exo-identidade e da memória da Cigana Adélia a partir da conjunção de histórias/imagens sobre seu passado (sua morte e vida) e seu presente, e estas histórias são proferidas pelos frequentadores de sua sepultura. A metodologia de pesquisa é a Etnografia com ênfase em história oral, sendo a entrevista o elemento central. Ademais, evidencia-se as narrativas de 14 entrevistados. Ressalta-se que este artigo corresponde a uma síntese de parcela dos resultados obtidos a partir de minha dissertação. Em suma, conclui-se que os fios condutores que regem as inúmeras narrativas sobre a Cigana tratam-se das ideias de dramaticidade, dor, tragédia, magia, mistério, bondade e caridade. Adélia é múltipla humana e divina, àquela que transita entre vivos e mortos, e é apresentada como híbrido contínuo.

**Palavras-chaves:** História oral; Memória; Entidade cigana

### Abstract:

The object of study refers to the imaginary constructions about who was and still is a deceased, and one of the guiding axes is the existence of his grave, which sustains and is sustained by these images. The tombstone shows that she was a gypsy. Thus begins a walk along a road of possibilities to glimpse the faces of this thought-provoking woman. It has as starting one of the central narratives on the image and performance of this deceased Gypsy in the present. Her name is Adélia Gomes Kostichi, died in 1955, her tomb is located in the cemetery of Santo Antônio in Vitória-ES. It is known to perform graces, and whoever seeks it with faith will have his request answered. In his tomb his devotees offer: candles, red roses, cigarettes, champagne, jewelry, among others. In the thoughts of those who surround the grave arise questions about the past: who was this Gypsy? How did he die? How did you live? Thus, the objective is to analyze the elaboration of the exo-identity and the memory of the Gypsy Adélia from the conjunction of stories / images about its past (its death and life) and its present, and these histories are pronounced by the attendants of its grave. The research methodology is Ethnography with emphasis on oral history, with the interview being the central element. In addition, the narratives of 14 interviewees are evidenced. It should be emphasized that this article corresponds to a synthesis of a portion of the results obtained from my dissertation. In sum, it is concluded that the guiding threads that govern the innumerable narratives about the Gypsy are the ideas of drama, pain, tragedy, magic, mystery, goodness and charity. Adélia is manifold human and divine, the one that transits between the living and the dead, and is presented as a continuous hybrid.

**Keywords:** Oral history; Memory; Gypsy entity

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema de estudo as construções imagéticas, ou seja, as narrativas, as histórias que formam uma imagem da cigana. A sepultura sustenta e é sustentada pelas imagens sobre quem foi e ainda é a cigana. Portanto, a lápide ora é a base para a narrativa se erguer e ora a narrativa torna-se a base para manter o túmulo, a narrativa que mantém e molda os aspectos físicos do túmulo. A relevância desse tema apresenta-se quando compreende-se que para analisar qualquer agrupamento social é preciso entender seus rituais e suas memórias.

O primeiro ponto da problemática que norteia esse artigo trata-se da origem e como se consolida a estruturação da narrativa. Assim, indaga-se: De onde a narrativa vem? Como se forma a narrativa? isto é, como ocorre o processo de construção da narrativa? para fazer essa análise é preciso considerar a origem do ato narrativo e suas formas de estruturação, evidenciando quais aspectos influem na ação de narrar. A história narrada possui um conteúdo, permeado de imagens, ideias e crenças. Nesse contexto, há outra pergunta e trata-se: quais imagens a narrativa gera? quais imagens e ideias são os produtos do ato de narrar? Dessa forma, busca-se perceber e interpretar as ideias e noções produzidas na narrativa. E como o conteúdo narrativo expressa uma *exo* identidade<sup>1</sup> e memória em relação à Cigana

O objetivo central da dissertação foi analisar a construção social de identidade e memórias presente no culto à Cigana. O estudo das narrativas era um dos objetivos específicos. Esses objetivos específicos em conjunto com os objetivos centrais contribuem para explicar o processo de construção da pesquisa. O objetivo deste artigo é analisar a formação da *exo*-identidade e da memória da Cigana Adélia a partir do ato narrativo dos devotos. Destacando que devotos é o termo utilizado para explicar uma relação com o predomínio do aspecto religioso ou uma religiosidade pautada por sistema de trocas/votos estabelecido entre a Cigana e o frequentador do túmulo dela. O devoto é aquele que se dedica veemente a um outro ser com qualidades superiores, reconhecidas como um poder espiritual, e que pode ser uma pessoa viva ou morta.

---

<sup>1</sup> Esse termo refere-se como os não ciganos atribuem uma identidade aos ciganos, ou seja, é uma identidade construída por quem olha um grupo, mas não está inserido nele.

A metodologia utilizada consiste na etnografia no cemitério de Santo Antônio em Vitória (ES), realizando entrevistas com os frequentadores da sepultura da Cigana e mais a análise documental, como a certidão de óbito e jornais. A organização da estrutura do artigo apresenta-se da seguinte forma: num primeiro momento se expõe o túmulo, local-mor de culto e devoção à figura da Cigana, e a partir da existência da lápide consolida-se o rito, e este último se sustenta em uma narrativa central que norteia todas as nuances das outras inúmeras narrativas que surgem. Já o segundo tópico do artigo enuncia como a foto da Cigana sobre a lápide fomenta a reunião de pessoas ao redor do túmulo para compartilharem narrativas. Esse é o ponto em que as narrativas surgiram. No terceiro tópico explica-se as narrativas sobre a morte da Cigana, sempre rodeada de dor e tragédia. E por fim, o último tópico mostra as narrativas sobre a vida após a morte da Cigana, isto é, atuando na forma de espírito, e também a vida terrena.

### **A lápide de ouro e a construção de uma narrativa central sobre a Cigana**

De onde vem a narrativa? Para falar da narração dos devotos é preciso mencionar como este ato de contar histórias se associa à materialidade do túmulo. Por isso inicia-se apresentando o túmulo e seus aspectos. O túmulo estudado está localizado na área nobre do cemitério de Santo Antônio, seus aspectos físicos contém uma fotografia mortuária, o nome Cigana escrito na lápide, 12 placas de agradecimento fixadas no túmulo, a cor do túmulo é um diferencial, pois é amarelo ouro ganhando destaque entre o tom acinzentado e preto do cemitério, e as oferendas que apesar de serem colocadas pelos devotos são um aspecto material que compõe o visual do túmulo. Fazer uma oferenda significa entregar um objeto em cima da lápide que caracterize uma homenagem e/ou agradecimento à Cigana, por isso são objetos que ela aprecia e se relacionam com a personalidade dela. As oferendas são: rosas de todas as cores, mas especialmente as vermelhas e amarelas, velas coloridas especialmente as brancas e vermelhas, champanhe, cerveja, água, cigarro, frutas como laranja, banana, pêra, uva e majoritariamente as maçãs vermelhas. Há também esmalte e batons vermelhos, maquiagens diversas, espelho, bijuterias coloridas e douradas, perfumes, cartas. Há oferendas de dinheiro em alta e baixa quantia, e a fixação permanente de placas de mármore agradecendo as graças alcançadas.

O rito existente neste túmulo se mantém através de uma narrativa central sobre a imagem da Cigana que enfoca na sua atuação no presente: É o espírito de uma Cigana que atua realizando graças na vida das pessoas que a procuram com fé. A sepultura caracteriza-se

como local ritualístico onde oferendas são entregues à Cigana estruturando dessa forma uma relação de troca, em que a pessoa que solicita a ajuda entrega um objeto de agrado da Cigana e assim pode pedir a intercessão desse ente espiritual. As diversas possibilidades de nomeação do espírito da Cigana, como por exemplo, entidade cigana da linha do oriente, pombagira cigana e espírito iluminado, são aspectos pertencentes a esta narrativa central, e serão apresentados no decorrer do artigo.

Esta narrativa apoia-se numa estrutura ramificada, ou seja, há inúmeros elementos que sustentam as ideias da história central. Em resumo, evidencia-se a crença atuação de entidades ciganas em giras de Umbanda, a prática do culto às almas do cruzeiro, afinidade com o ritual de Dia de Finados, a memória religiosa dos devotos, a memória sobre os ciganos carnavais segundo o ponto de vista dos devotos.

Acerca da crença nas entidades ciganas pode-se dizer que isto se configura de forma a entender que entidades ciganas são espíritos que tiveram uma vida física como ciganos nômades de acampamento, e que após a morte trabalham auxiliando as pessoas que estão encarnadas em um corpo físico. Gostam da natureza, das frutas e principalmente das frutas adocicadas. Apreciam joias de ouro, e as mulheres são vaidosas gostam de batom e esmaltes vermelhos e sempre tem uma flor no cabelo que tem o comprimento longo. Por inúmeras vezes as ciganas (as carnavais e as entidades) também usam um lenço no cabelo. Ciganos são festivos e apreciam a dança, tocam pandeiro e castanholas. E as mulheres são hábeis leitoras de mãos e de cartas. Àqueles que acreditam em entidades ciganas comumente realizam uma negociação com elas, pedem por algo e em troca realizam oferendas para as entidades. Sendo essas oferendas escolhidas segundo as características que são atribuídas por não ciganos e também por ciganos- ao povo cigano carnal. Entidades recebem suas oferendas em locais floridos, estradas, cachoeiras, encruzilhadas e todos esses espaços relacionam-se a imagem de crescimento, movimento

No culto às almas no cruzeiro branco há um sistema de troca entre as almas do além mundo e as almas que possuem um corpo, e isto influencia a elaboração do rito dedicado a Cigana, ademais, os devotos da Cigana costumam se auto denominar como devoto das almas, assim compreende-se que os praticantes desses dois cultos possuem crenças semelhantes que aproximam essas duas práticas.

Há também o relevante ritual de finados que consiste em lembrar dos mortos através da visita da sepultura no cemitério. É um rito para evocar a ideia de vida e a materialidade do túmulo é utilizado como ponte para conectar a alma do falecido à alma da pessoa viva encarnada. A influência do ritual de finados é notória, visto que é neste dia que a Cigana recebe o maior número de visitantes, e o tratamento que a sepultura dela recebe deriva das noções que são propagadas no dia de finados. Cuidar da lápide através da limpeza, pintura e flores para ornamentar é um gesto de carinho que mantém os “mortos” presentes no mundo físico e na lembrança de seus entes queridos.

Ademais, memória religiosa do devoto influencia nas narrativas que ele irá construir sobre a Cigana Adélia. Um exemplo é a memória de se comunicar com os mortos, ir até o cemitério na segunda-feira, a senhora devota de Adélia, me contou que dar moedas para os mortos é ajudá-los a pagarem suas dívidas terrenas. Todos os devotos acreditam na possibilidade de se comunicar e isso torna-se item para compor a narrativa de que a Cigana é amiga de seus devotos e dialoga com eles.

Por fim, há a memória que os devotos possuem sobre os ciganos carnais, que vivem em acampamentos. Os entrevistados relataram que quando crianças tiveram contato com ciganos que acampavam nas proximidades de suas casas ou pela cidade. Há uma mistura de admiração com medo, as ciganas eram bonitas usavam roupas coloridas, mas por outro lado podiam roubar e trapacear. A ideia do roubo não é aplicada à Cigana Adélia, mas há um certo medo em desrespeitá-la no tratamento de suas oferendas e isso trazer algum malefício na vida da pessoa que cometer alguma ação equivocada.

Foram entrevistados 52 devotos da Cigana, todavia apenas sete tinham narrativas sobre a morte e vida física/corpórea dela. O imenso silêncio que impera entre os devotos gera insatisfação entre eles, pois afirmam que gostariam de saber sobre o passado da Cigana e assim ter a sensação de maior proximidade com ela e se tornarem transmissores da imagem da Cigana. Apesar desse contexto de desconhecimento de fatos da vida e morte de Adélia, todos os entrevistados sabem expressar quem a Cigana é hoje, seus feitos, personalidade e ações, que é a narrativa primordial e estruturadora do rito na lápide.

Assim, a materialidade do túmulo atua em conjunto com o aspecto abstrato da narração e sua estruturação ramificada. A cor do túmulo, a fotografia exposta, as placas de agradecimento fixadas no túmulo, a inscrição do termo Cigana, as oferendas sobre a lápide

são os principais componentes que desencadeiam imagens e histórias sobre a Cigana. E associado a isso estão as crenças e valores dos devotos. Por isso, torna-se válido analisar agora como a foto, que é um elemento central, contribuiu para reunir pessoas ao redor do túmulo.

### **Mariposas atraídas pela luz de uma fotografia: Um círculo de contadores de histórias se movimenta ao redor da foto da Cigana Adélia**

A foto atua como um elemento norteador e estimulador, um ponto de partida de narrativas, é a partir dela que as pessoas se reúnem nas proximidades do túmulo para contar histórias. Portanto, há uma conexão e relação entre o arquivo fotográfico e os arquivos orais, ou seja, as narrativas. A Cigana refere-se a um passado - sua vida terrena e seu corpo físico - e com o objetivo de tornar esse passado vivo e presente a narrativa caracteriza-se como um tipo de arquivo estruturado na oralidade como menciona Le Goff (1924). Segundo Pierre Janet (apud Le Goff, 1924, p.425) o ato mnemônico principal e essencial: é o comportamento narrativo com sua função social. Nesta narrativa ao trazer a tona uma pessoa que não possui mais um corpo físico esta Cigana volta a existir e se faz presente no mundo dos vivos.

Em dois de novembro de 2015 uma roda de pessoas e vozes formou-se ao redor da sepultura, esta funcionava como uma fogueira que ilumina e aquece as pessoas em uma noite. Num mar de murmurinhos uma voz ganha destaque e afirma que o corpo que ali está enterrado é de um homem. E a mesma senhora inicia um relato que evidenciava que um homem colocou uma cópia da foto original e começou a contar a nova notícia de que a Cigana não era uma mulher, e que na nova foto retirada da internet era possível ver traços masculinos. Assim, ali no túmulo estava o corpo de um homem que durante sua vida incorporava a entidade de uma cigana chamada Adélia Gomes Kostichi. Ressalta-se que era uma notícia nova, pois a maioria das pessoas esboçaram um ar de surpresa ao ouvir o relato da senhora. E Toninho Cigano<sup>2</sup> enfatizava que a mãe dele sempre contava que a Cigana era mesmo uma mulher e esta história que ele ouvira era totalmente nova.

---

<sup>2</sup> Toninho é um dos entrevistados centrais, uma vez que ele se autodenomina como cigano. E apesar de ser deserdado pela comunidade cigana, visto que ele é homossexual, ainda assim, Toninho mantém sua identidade.

Existem alguns narradores de maior destaque e para nomeados utilizo a ideia de guardiões da memória. Estes conseguem com o poder da fala reunir um grande número de pessoas nas proximidades da lápide. A oralidade é criativa e fluida e se metamorfoseia. O narrador é um autor livre. A criação das narrativas é pautada pela imaginação, porém, este não é o único elemento nesse processo de construção oral, há também as memórias e vivências dos narradores, conforme será elucidado mais adiante.

Uma segunda narrativa que a foto traz é sobre a aparência física da Adélia. Os devotos da Cigana relatam que na foto original era possível visualizar a Adélia jovem, com lenço na cabeça e com cabelos longos que estavam em uma trança lateral. É comum a imagem da Cigana usando uma longa trança lateral, e isto se fez presente no relato de inúmeros devotos. Com o auxílio da foto e da imaginação e experiências presente em cada indivíduo, os devotos falam da Cigana como se a tivessem conhecido fisicamente. Tal contexto relaciona-se à memória que vivencia eventos por tabela. Segundo Pollak (1992) a memória pode se construir quando a pessoa não viveu determinada experiência ou não conheceu pessoalmente alguém, porém a pessoa sente-se próxima da experiência que é registrada por outros. neste caso, a foto da Cigana é um registro que faz com que o observador sinta-se como se tivesse sido o próprio fotógrafo ou alguém que tivesse visto de perto a Cigana. Esse tipo de memória explicada por Pollak (1992) permite que memórias sejam difundidas por aqueles que não participaram efetivamente do momento inicial em que a memória foi elaborada - neste contexto, no período em que a foto foi feita pelo fotógrafo-. Um dos devotos chamado de Ricardo interpretou que na verdade a foto esboça traços de uma índia americana.

As vivências dos devotos permitem construir a imagem de uma Cigana vaidosa. Muitos defendem que conheceram ciganas de acampamentos que gostavam de adornos. A construção da história também surge a partir do contato com relatos de terceiros, especialmente em ambiente religioso da Umbanda. Por exemplo, Marilde<sup>3</sup> e Maria Cigana escutaram o que pessoas falaram sobre entidades ciganas. Marilde obteve informações ao frequentar um terreiro de Umbanda, e Maria cigana teve acesso a relatos de seus próprios familiares que eram ciganos.

### **Narrativas sobre a morte da Cigana**

---

<sup>3</sup> É a zeladora do túmulo da Cigana, ela limpa e pinta a lápide com frequência. Ela também trabalha no cemitério há muitos anos e tem fé nos poderes da Cigana.

Conforme aponta Le Goff (1924) a memória é um instrumento de poder, e assim concebe-se as narrativas como memórias que atuam no presente moldando disputas sociais. Torna-se um ato político se lembrar de uma Cigana atribuindo a ela poder, visto que os ciganos são alvo do preconceito, excluídos e esquecidos. Portanto, as narrativas são um território de exaltação da figura da Cigana. Os relatos de morte que serão apresentados constroem a imagem de uma Cigana com atributos e experiências bem comuns aos humanos, como a dor e tragédia, -e isto a torna positivamente próxima de todas as pessoas- e ao mesmo tempo ela ganha uma aura de poder, visto que ela sofreu em sua morte, mas hoje atua como espírito auxiliando as pessoas, isto é, superou o sofrimento.

Vários narradores falaram do evento- morte: Maria Cigana, Mirinha, Toninho Cigano e Leonardo. Apresenta-se primeiramente a narrativa contada por Maria Cigana sobre a morte de Adélia que foi transmitida entre as gerações de ciganos, visto que a avó de Maria era irmã da falecida Adélia. Este primeiro relato evoca a ideia de morte trágica e acidental, pois a Cigana veio sozinha para a cidade de Vitória, após ter uma desilusão amorosa com seu marido que a abandonou. Ao chegar na nova cidade, a Adélia foi atropelada entre a rodoviária e o bairro de Santo Antônio, e os culpados não foram identificados. Portanto, antes de morrer a Cigana sofreu por amor. Ademais, Maria Cigana enfatizou que a Cigana viajou sem pagar a passagem do ônibus, logo nada impede um cigano de ir embora e que todas as barreiras são superadas. Esta fala explicita a ideia do cigano ser livre, caminhante, aberto à possibilidade e ao movimento. O símbolo da liberdade está presente na imagem da Adélia, no rito, e nas narrativas pois todos esses elementos carregam a multiplicidade.

Após o falecimento por acidente a alma da Cigana começou a realizar aparições para os ciganos que eram seus familiares. A narrativa de Maria Cigana prossegue mencionando que em sequência das aparições fantasmagóricas acontecimentos misteriosos se manifestaram na vida dos ciganos, como por exemplo, mortes por assassinato. Maria Cigana também incorporou o espírito da Adélia, e este narrou sua própria morte reafirmando os fatos já relatados por Maria. E ao redor do túmulo Maria professa que a Cigana morreu por amor, ocorrendo assim uma aproximação entre as dores da Cigana e dos seus devotos, sendo que estes almejam amenizar os mais variados tipos de sofrimento. A narradora Maria Cigana também disse que sofreu e sofre por amor e neste ponto percebe-se que narrador e narração estão intrinsecamente conectados. Ao narrar sobre a Cigana, o narrador narra sobre si próprio. Assim, compreender a identidade do narrador é

acessar a identidade que é atribuída à Cigana. A imagem da Cigana Adélia forma-se a partir dos seus narradores.

A memória subordina-se à pessoa que está falando e a quem é o ouvinte. De forma que, a memória tem um caráter demasiadamente contextual e conecta-se ao espaço e tempo, logo ela somente faz sentido ao se analisar o cenário em que ela emerge. Deve-se levar em consideração quem está falando a narrativa e quem está ouvindo. A narrativa sobre a morte da Cigana, que é contada por Maria Cigana é inteiramente conectada às vivências da narradora, pois ela se autodenomina como cigana e parente da Adélia, espiritualista, e sofreu por amor. Outra narradora chamada Marilde possui vivências mais conectadas a esfera da Umbanda, logo sua narrativa evoca elementos do universo umbandista para retratar a Cigana. Os ouvintes são majoritariamente devotos, por isso sempre esboçam uma avidez para saber qualquer detalhe da vida de Adélia. E as narradoras sempre enfatizam a proximidade que tem com a Cigana, seja através do parentesco - caso de Maria Cigana- ou seja por zelar o túmulo - caso de Marilde-. Assim, a ideia de proximidade com a Cigana está na narrativa sempre que o ouvinte é um devoto.

Outra narrativa de destaque sobre a morte da Adélia foi proferida por Dona Mirinha, que conheceu a Cigana em vida. Houve um acidente no fogão que a cigana utilizava em sua barraca, devido a um vazamento de gás ocorreu uma explosão de forma a queimar a face e o cabelo da Cigana. A levaram para o hospital, mas a morte se instaurou de forma trágica. Destaca-se neste ponto que a história de Maria Cigana e Mirinha se interconectam na medida em que são contadas por mulheres e contém ideias associadas ao universo feminino, como por exemplo, sofrimento por amor e afazeres cuidados domésticos incluindo a preparação da comida no fogão. A identidade da Cigana que é tecida nas narrativas provém da fala de mulheres, a narradora ao narrar do outro, fala de si, a identidade feminina está em destaque. Há uma fusão de imagens e identidade das narradoras e da Cigana. Compreender as vicissitudes e o comportamento doador, maternal e emocional das mulheres é compreender uma das faces da Cigana.

Além de utilizar as fontes orais buscou-se averiguar uma fonte escrita que narra brevemente alguns aspectos da Adélia. Trata-se de sua certidão de óbito que registra que a causa do falecimento foi angina no peito, aos 65 anos, na localidade de Vila Velha. Seu óbito ocorreu em 12 de fevereiro de 1955 às 04h20 e seu sepultamento foi realizado no

cemitério de Santo Antônio. Outra fonte escrita refere-se ao jornal do Gazeta Online<sup>4</sup> que evidencia concepções de morte e ao entrevistarem Robson, um frequentador do cemitério, este relatou que a Cigana foi assassinada pelo marido. Assim, a morte trágica torna-se quase um evento constante nas narrativas, e neste caso une-se a tragédia ao caso de amor, em uma relação com o marido que gerou o crime contra a vida de Adélia. A narrativa de Maria Cigana aproxima-se desta narrativa do Robson, pois ambas contêm uma morte abrupta por causa de problemáticas na relação amorosa. A devota A. contou que ouviu pessoas falando que a Cigana morreu baleada, outros devotos falam que a sua morte foi decorrente de doenças, outros relatam que ela foi traída pelo marido. É válido enfatizar o caráter dramático e violento dessas narrativas que fornecem o tom narrativo.

### **Narrativas sobre a vida da Cigana**

O termo vida refere-se à vida terrena e a vida após a morte. Portanto, há aqueles que narram sobre como eram as características físicas da cigana, as cores de roupa que ela tinha por hábito usar, onde ela viveu, o que fazia. E, por outro lado, há as narrativas sobre a atuação da alma da Cigana após a morte de seu corpo físico. A vida espiritual da Cigana é estruturada a partir de uma narrativa central, que foi apresentada no primeiro tópico do presente artigo.

Essa narrativa da vida espiritual da Cigana inicia-se a partir de uma história contada por Maria Cigana. Segundo Maria, a sua avó-irmã da Adélia- lhe contou que no passado uma mulher andava cabisbaixa pelas alamedas do cemitério de Santo Antônio. O filho desta mulher estava doente, com câncer. O desespero era imensurável de forma que ela sentou sobre uma lápide sem perceber que se tratava do túmulo de uma Cigana. Após um tempo a mulher viu que aquela era a sepultura de uma cigana e resolveu pedir ajuda para que seu filho fosse curado. A Cigana atendeu ao pedido e trouxe a cura ao enfermo, e a mãe tornou-se agradecida levando flores para ornar a sepultura. Esse relato almeja explicar o primeiro episódio de manifestação do poder mágico exercido pela alma da Cigana Adélia.

Em síntese a narrativa central contém a imagem de um espírito de uma mulher cigana que realiza graças. Todavia, há variações sobre a nomeação deste espírito, isto é, se é uma

---

<sup>4</sup> [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2008/11/29192-a+gente+mal+nasce+comeca+a+morrer.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2008/11/29192-a+gente+mal+nasce+comeca+a+morrer.html)

entidade cigana da linha do oriente, se é uma pombagira cigana, uma alma iluminada sem ênfase no seu aspecto de ser Cigana.

Apresenta-se a partir de agora brevemente sobre cada nomeação enfatizando que isto caracteriza-se como a construção da exo-identidade da Cigana, uma vez que a memória se sedimenta a partir de classificações e nomes atribuídos a ela. Ao ser considerada uma entidade cigana é possível ser uma cigana da linha do oriente ou uma pombagira cigana. A linha do oriente é definida pelos umbandistas como uma linha de direita. Já as pombagiras ciganas se enquadram na linha da esquerda, composta pelos Exus e pombagiras. O devoto umbandista João Jorge explicou que as pombagiras ciganas não são necessariamente ciganas puras, trata-se de fato de uma entidade cruzada, ou seja, é uma pombagira com influências ciganas. Segundo os devotos de Adélia, Exu é da rua e cigano é do mundo, da estrada, essas são aproximações possíveis entre os dois tipos de entidades, e assim se associam à Cigana Adélia.

As pombagiras ciganas, segundo Jussara Kalim,<sup>5</sup> são mais despojadas, densas e gostam de oferendas com mais alimentos como o padê que contém farofa, carne, azeite de dendê, charuto e bebida alcoólica. Por outro lado, as ciganas da linha do oriente são mais sutis e espiritualizadas, e recebem mais frutas e elementos da natureza como oferendas. Pombagiras ciganas trabalham para solucionar casos de amor e atendem variados pedidos de trabalho. Porém, as ciganas do oriente somente fazem o bem, como enfatizaram os devotos João Jorge e Leonardo. Dessa forma, Adélia incorpora o despojamento e solução para problemas de amor das pombagiras ciganas e a sutilidade e alegria da linha dos ciganos do oriente. Adélia também pode ser nomeada como uma alma iluminada, que após a morte alcançou um status elevado e auxilia as pessoas, sendo uma luz norteadora no caminho daqueles que lhe pedem ajuda.

Além da narrativa sobre a vida espiritual de Adélia, existem as histórias sobre a sua vida física, a primeira é que no túmulo está enterrado um homem que incorporava a Cigana. Por outro lado, há outras narrativas que consideram que o corpo enterrado no cemitério é de fato de uma mulher cigana. Maria Cigana narrou que a Adélia vivia em barracas no

---

<sup>5</sup> Jussara uma cigana, filha do cigano Eraldo Kalon. Atualmente Jussara não vive em acampamento e é dirigente do terreiro de Umbanda chamado Aldeia do caboclo sete folhas da Jurema, que localiza-se na Ilha da Conceição, Vila Velha (ES). Sendo que este terreiro foi herdado após a morte de Eraldo que foi o fundador.

acampamento, era nômade e tinha cinco irmãs. Todavia, esta narradora não soube especificar se a Adélia era Rom, Calon ou Sinti. Uma das características da Adélia é que ela realizava a dança do champanhe, que consiste em equilibrar na cabeça a garrafa contendo a bebida. Entre um rodopio e outro, há uma mescla de equilíbrio e movimento nesta dança. Ressalta-se que Maria Cigana também faz esta mesma dança antes de incorporar entidades ciganas. Outro aspecto da narrativa sobre a vida da Cigana trata-se de sua notória vaidade. A mesma narradora conta que quando Adélia chegou na cidade de Vitória ela trajava um vestido vermelho repleto de moedas douradas e estava adornada com muitas joias de ouro.

Outra narradora chamada Mirinha conta que conheceu pessoalmente a Cigana. E apresenta a seguinte imagem da Cigana Adélia: que era rica e tinha um acampamento no centro da cidade de Vitória, próximo da Capitania dos Portos, na região da “capixaba”. Na barraca da Cigana tinha um fogão caro, lugar onde a Cigana fazia comida para Mirinha, esta na época era criança e visitava constantemente o interior da barraca. A cigana tinha uma vida nômade e transitava entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Era uma cigana de pele branca como longos cabelos que normalmente estavam arrumados em uma trança. Era uma mulher cigana vaidosa e orgulhosa, gostava do luxo e estava sempre muito bem arrumada. Estava constantemente de saia longa, lenço na cabeça, batom e esmalte vermelhos. É válido apontar que a memória dos devotos constrói a narrativa, e também existe a foto, a cor do túmulo, o nome cigana na lápide, que são elementos do túmulo embasam as narrativas sobre a vida da Cigana.

Em outro encontro no círculo dos narradores, ouvi a fala da mãe de Priscila. Contaram para ela que a Cigana trabalhava lendo cartas na Vila Rubim, no centro da cidade de Vitória.<sup>6</sup> A Cigana também atendia pessoas em um terreiro de Umbanda. A habilidade que Adélia tinha para a cartomancia também se faz presente na narrativa de Toninho Cigano. Ele relata que a Cigana ajudava a todos que pediam ajuda e que além de utilizar as cartas ela também sabia ler a mão. Nas narrativas a ideia de poderes mágicos utilizados para exercer a caridade e bondade moldam o caráter da vida desta Cigana. O devoto Leonardo contou que sua avó dizia que a Cigana era extremamente boa e praticava bem. Robson em entrevista no jornal Gazeta online<sup>7</sup> contou que a Cigana faz milagres e que ele solicitou a

---

<sup>6</sup> A vila rubim trata-se de uma área comercial antiga, existente no coração do centro de Vitória (ES).

<sup>7</sup> <http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2008/11/29192-a+gente+mal+nasce+comeca+a+morrer.html>

ajuda dela e teve seu pedido atendido, assim, a ideia de que a Cigana ajuda os necessitados torna-se frequente.

Na certidão de óbito da Cigana consta alguns dados relevantes sobre sua vida, está definida como parda, era casada, residia no município de Vila Velha e nasceu no Uruguai. Além disso, o sobrenome que aparece na certidão é Castilho e não Kostichi, de forma que não foi possível desvendar a troca de sobrenomes. Os demais dados que deveriam compor a certidão estão ausentes. Em um registro jornalístico no site Século Diário<sup>8</sup> híbrido de oralidade e escrita<sup>9</sup> uma devota mencionou que “a Cigana tem magia” e nota-se que portar essa magia é um dos símbolos mais notórios ao se construir uma imagem da Adélia. A partir da análise dos gestos dos frequentadores do túmulo ter magia é sinônimo de ter poder, ter capacidade de transformar.

## CONCLUSÃO

Mistério é o que explica a vida e morte da Cigana Adélia Kostichi, esta é a conclusão com seu caráter inconclusivo. Abrem-se as estradas para caminhar por inúmeras possibilidades, imaginação, vivências, afetos, sensibilidades, passado e presente fornecem o tom para colorir os traços e faces dessa híbrida Cigana. Passado e presente são categorias analíticas, mas por inúmeras vezes uma ordem cronológica dos acontecimentos sobre a vida da Cigana não é coerente, e ocorre a aproximação do passado e presente, não havendo distinção entre esses dois tempos. O fato da Cigana ler cartas no passado em sua vida física é algo completamente presente, pois ofertar cartas é uma forma de lhe prestar homenagem. Sua história está em aberto, em constante reconstrução, é um devir de imagens. O que permanece é a sua magia, sua capacidade de causar mudanças na vida de seus devotos. Ela transforma seus devotos e estes a transformam, gerando um ciclo contínuo. A Cigana faz um trânsito entre os mundos expressando sua capacidade de negociação e troca para atender os pedidos dos vivos. Ela é uma eterna caminhante. As pessoas que rodeiam túmulo da Adélia trazem respostas nas palavras e silêncios mutantes. Dúvidas e incertezas pairam sobre a lápide de Adélia, e como menciona Maria Cigana “*a vida do cigano é cheia de mistério*”.

---

<sup>8</sup> <http://seculodiario.com.br/13754/13/reportagem-especialbrfe-e-esperanca-1>)

<sup>9</sup> O jornal escreve sobre as narrativas orais de alguns entrevistados, o mesmo se repete neste artigo, que logo torna-se um híbrido que une a oralidade à escrita.

Este rito permeado de religiosidade, tem como base estruturante esta mulher cigana que torna-se a personagem central da devoção e das narrativas. Notou-se a presença de um núcleo de ideias que perpassa todas as narrativas, como um fio que tece inúmeras redes e que conduz o ato narrativo. Este princípio organizador, núcleo condutor trata-se da noção de dramaticidade e tragédia e um certo mistério, referindo-se a uma morte violenta e pautada na experiência de dor. Outra parte do núcleo é a noção de bondade e caridade exercida a partir do domínio da magia presente nas ações da Cigana em vida física e também em sua vida após a morte. Em vida ela lia cartas e mãos das pessoas. Após a morte auxilia realizando graças para aqueles que deixam oferendas em sua lápide. Portanto, um dos cerne dessas narrativas, é a figura da Cigana na contemporaneidade como uma provedora de graças.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Henrique. **Reportagem especial: Fé e esperança.** Século Diário, Vitória, Espírito Santo - ES, 03-11-2013. Fotos por: Rogério Medeiros Disponível: <http://seculodiario.com.br/13754/13/reportagem-especialbrfe-e-esperanca-1> Acesso em: nov/2017.

BAPTISTA, Antônio Arlindo. Toninho Cigano. **Entrevista. Narrativa do devoto. 2015 e 2016.** 2 arquivos mp3. Entrevistas concedidas a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no Cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES) em 02 nov. 2015 e 2016, e no local de trabalho do entrevistado em Vitória (ES), 25 abril 2016.

CASTILHO, Adélia Gomes. **Certidão de óbito.** Cartório Dyonizio Ruy. Vila Velha, Espírito Santo- ES, 1955.

COUTINHO, Maria da Penha. Maria Cigana. **Entrevista. Narrativa da devota. 2015.** 3 arquivos mp3. Entrevistas concedidas a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no Cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES) em 02 nov. 2015, e no consultório espiritual de Maria Cigana. Campo Grande, Cariacica (ES) em 11 de nov. 2015 e 08 de dez. 2015.

GOMES, Leonardo Souza. **Entrevista. Narrativa do devoto. 2016.** 1 arquivo mp3. Entrevista concedida a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no Cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES) em 02 nov. 2016.

JORGE, João. **Entrevista. Narrativa do devoto. 2016.** 1 arquivo mp3. Entrevista concedida a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no Cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES) em 02 nov. 2016.

KALIN, Jussara. **Entrevista. Narrativa de uma cigana e umbandista sobre ciganos étnicos e sobre entidades ciganas na Umbanda.** 2016. 1 arquivo mp3. Entrevista concedida a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no terreiro Aldeia do caboclo sete folhas da jurema de Jussara Kalin em Ilha da Conceição, Vila Velha (ES), 24 jun. 2016.

LE GOFF, Jacques. (1924) **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. 353p Campinas, SP: Editora da UNICAMP, (Coleção Repertórios), 1990.

LEMOS, Mauride de Oliveira. **Entrevista. Narrativas da zeladora do túmulo da Cigana. 2015 e 2016.** 1 arquivo mp3. Entrevistas concedidas a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no Cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES) em 10 mai. 2015, 02 nov. 2015 e 2016.

MIRINHA, D. Dona Mirinha. **Entrevista. Narrativa de uma senhora que conviveu com a Cigana Kostichi.** 2016. 1 arquivo mp3. Entrevista concedida a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, na residência da entrevistada, Vitória (ES), 11 abril 2016.

NÓBREGA, Letícia. **A gente mal nasce começa a morrer.** A Gazeta, Vitória, Espírito Santo - ES, 01 de novembro de 2008. gazeta online. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2008/11/29192-a+gente+mal+nasce+comeca+a+morrer.html> Acesso em: nov/2017.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, p. 200-212. vol. 5, n. 10, 1992.

PRISCILA. **Entrevista. Narrativa da devota.** 2015 e 2016. 2 arquivos mp3. Entrevistas concedidas a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no Cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES) em 02 nov. 2015 e 2016.

RICARDO. **Entrevista. Narrativa do devoto.** 2016. 1 arquivo docx. Entrevista concedida a Barbara Thompson do Programa de Pós-Graduação da UFES, no Messenger do Facebook, em 15 maio. 2016.

THOMPSON, Barbara. **Entre cruzeiros e o túmulo da Cigana Kostichi: Símbolos demarcadores de memórias sociais e identidades religiosas no cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES).** 2017. 251 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo UFES, Vitória, 2017. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_11039\\_Disserta%E7%E3o%20Barbara%20Thom%20-%20Vers%E3o%20Banca.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_11039_Disserta%E7%E3o%20Barbara%20Thom%20-%20Vers%E3o%20Banca.pdf) Acesso em: nov/2017